

ABORDAGENS PEDAGÓGICAS: UM ESTUDO DOS CONCEITOS DE LIBÂNEO E MIZUKAMI PARA PENSAR A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO ENSINO SUPERIOR

KAREN KAUFFMANN DA SILVA

Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (2021), com desenvolvimento de pesquisa em Abordagens Pedagógicas e Relacionamento Interpessoal entre Professor e Aluno no Ensino Superior. Especialista em Gestão de Pessoas pelo Centro Universitário Ritter dos Reis - UNIRITTER (2017), com pesquisa final focada em Estratégias de Marketing de Relacionamento aplicadas a uma Instituição de Saúde. Graduada em Relações Públicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2013), com pesquisa sobre Comunicação Organizacional e Comunicação Interna.

EMAIL: karenks01rp@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0307-0835>

LEONETE LUZIA SCHMIDT

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1990); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: História Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estágio Pós Doutoral pelo Programa de Pós Graduação em Educação na UFSC. Professora Permanente do Programa de Pós Graduação em Educação e do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

EMAIL: leonetes@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3239-2980>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo conhecer alguns dos conceitos, classificações e apontamentos relacionados às abordagens pedagógicas de Libâneo (1985) e Mizukami (1986) e sua implicação na relação professor aluno no ensino superior. Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica de natureza exploratória. Que de acordo com Trivinos (1967) tem o objetivo de delimitar e proporcionar um manejo seguro de determinada teoria. Parte-se de uma hipótese e se aprofunda o estudo no limite de uma realidade específica, buscando maior conhecimento a partir de uma revisão de literatura. A vantagem do caráter exploratório, segundo Lakatos e Marconi (2010), está no número de informações coletadas e na facilidade de análise por parte de outros pesquisadores. O resultado evidencia que a relação entre professor e aluno é definida a partir de uma abordagem pedagógica constituída por sua visão de mundo. Nela está incluída a forma como aprendeu e vivenciou o seu próprio processo educativo, seu o contexto histórico, cultural e político. Em cada situação que vive, o professor se aproxima ou se afasta de determinada tendência, podendo utilizá-las inclusive de forma conjunta, mesmo que, muitas vezes, sem um conhecimento prévio ou aprofundado dos estudos das abordagens pedagógicas.

Palavras-chaves: abordagens pedagógicas; Relacionamento entre professor e aluno; Ensino superior.

PEDAGOGICAL APPROACHES: A STUDY OF THE CONCEPTS OF LIBÂNEO AND MIZUKAMI TO THINK ABOUT TEACHER AND STUDENT RELATIONSHIP IN UNIVERSITY EDUCATION.

ABSTRACT

This article has as goal to know some concepts, classifications and notes related to pedagogical approach of Libâneo (1985) and Mizukami (1986) and their implication in university education. Therefore it was performed a exploratory bibliographic research. That, according to Trivinos (1967), aims to delimit and provide safe handling of a given theory. It starts with a hypothesis and deepens the study within the limits of a specific reality, seeking to increase knowledge from a literature review. The advantage of the exploratory character, according to Lakatos and Marconi (2010), lies in the number of information collected and the ease of analysis by other researchers. The result shows that the relationship between teacher and student is defined from a pedagogical approach constituted by their World vision. In it is included the way he learned and experienced his own educational process, his historical context, cultural and political. In every situation that lives, the teacher approaches or distances of a certain trend, being able to use them jointly, even if many times without previous knowledge or deepened about the pedagogical approaches.

Key words: Pedagogical approaches; Relationship between teacher and student; University education.

**ENFOQUES PEDAGÓGICOS:
UN ESTUDIO DE LOS CONCEPTOS DE LIBÂNEO Y MIZUKAMI PARA PENSAR
EN LA RELACIÓN ENTRE PROFESOR Y ALUMNO EN LA EDUCACIÓN
SUPERIOR**

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo conocer algunos de los conceptos, clasificaciones y apuntes relacionados con los enfoques pedagógicos de Libâneo (1985) y Mizukami (1986) y su implicación en la relación profesor-alumno en la educación superior. Para eso se realizó una investigación bibliográfica de carácter exploratorio. Lo cual, según Trivinos (1967), tiene el objetivo de delimitar y proporcionar un manejo seguro de una determinada teoría. Se parte de una hipótesis y profundiza el estudio dentro de los límites de una realidad concreta, buscando un mayor conocimiento a partir de una revisión de la literatura. La ventaja del carácter exploratorio, según Lakatos y Marconi (2010), está en la cantidad de información colectada y la facilidad de análisis por parte de otros investigadores. El resultado muestra que la relación entre profesor y alumno se define desde un enfoque pedagógico constituido por su visión de mundo. Incluye cómo aprendieron y experimentaron su propio proceso educativo, su contexto histórico, cultural y político. En cada situación que vive el docente, el se acerca o se aleja de una determinada tendencia, pudiendo incluso utilizarlas de manera conjunta, aunque muchas veces sin un conocimiento previo o profundo de los estudios de enfoques pedagógicos.

Palabras clave: Enfoques pedagógicos; Relación entre profesor y alumno; Educación superior.

INTRODUÇÃO

A educação é uma forma de intervenção no mundo. Segundo Dias (2010), ela exige um sujeito aprendiz, uma ação e contextos específicos. Esta mobilização de recursos pessoais para uma resposta efetiva de uma situação particular ocorre quando se proporciona oportunidades para essa construção. Freire (2000) traz algo semelhante, quando diz que a educação tem sentido porque o mundo não é algo óbvio, os seres humanos podem ser tanto projetos, quanto podem ter projetos para o mundo. O educador diz ainda que a educação tem

sentido porque homens e mulheres puderam se assumir como seres capazes de saber que sabem, mas também de saber que não sabem.

Para iniciar a reflexão em relação as tendências pedagógicas, é necessário que se tenha em mente que a educação, o ensino de cátedra, busca cumprir um papel que é designado pela sociedade. Devemos entender que a sociedade é composta por diferentes tipos de pessoas, com condições, pensamentos e ideais diferentes, logo o papel designado a educação vem cercado de diferentes conjecturas, concepções e discussões.

Seguindo nessa linha de pensamento, tomaremos como base o que Severino (2014) nos indica como sendo dever e fornecimento da educação: o papel de contribuir para a autonomia das pessoas, respeitando e consolidando sua dignidade, fornecendo humanização para formar pessoas humanas e em constante evolução.

Nesse sentido, pensar a educação é pensar em transformação, um processo que não é linear e que se situa em um emaranhado de conflitos e confronto de diferenças. Uma vez que a pesquisa da qual originou o presente artigo teve como pano de fundo o estudo das tendências pedagógicas para compreender as relações interpessoais entre professor e aluno no ensino superior, a seguir traremos alguns dos preceitos relacionados a Instituição de Ensino denominada Universidade.

Conforme Pimenta e Anastasiou (2002), a Universidade é uma Instituição Educativa que tem o dever de estimular o permanente exercício da crítica com base na pesquisa, no ensino e na extensão. Produz conhecimento através da problematização de conhecimentos historicamente produzidos e das novas demandas que a sociedade apresenta. O ensino superior, inserido em um contexto global, é determinado pelas ações dos sujeitos que nele atuam. Uma instituição que tem seus compromissos historicamente definidos e que veem sofrendo alterações com o passar do tempo.

Morin (2000) acrescenta que a instituição guarda uma herança cultural. A Universidade está incumbida de papel de reexaminar, atualizar e transmitir. Gerando saberes, ideias e valores que posteriormente também farão parte dessa herança cultural, uma função que vai do passado ao futuro sendo construída no presente. O filósofo diz:

Não se trata de apenas modernizar a cultura, mas de culturalizar a modernidade... introduz na sociedade uma cultura que não é feita para sustentar as formas tradicionais ou efêmeras daqui e o agora, mas está pronta para ajudar os cidadãos a rever o seu destino *hic et nunc*. A Universidade defende, ilustra e promove no mundo social e político valores intrínsecos a cultura universitária, tais como a autonomia da consciência e a problematização, o que tem como consequência o fato de que a investigação

deva manter-se aberta e plural, que a verdade tenha sempre a primazia sobre a utilidade, que a ética do conhecimento seja mantida (MORIN, 2000, p.10)

Nesse contexto de Educação Universitária, se encontram os docentes, que prestam um serviço à sociedade e, conforme Pimenta e Anastasiou (2002, p. 165) “O professor universitário precisa atuar como um profissional reflexivo, crítico e competente no âmbito de sua disciplina, além de capacitado a exercer a docência e realizar atividades de investigação”.

Um dos papéis do professor é o de ensinar, e, para Anastasiou e Alves (2015), esse verbo contém duas dimensões, uma que envolve a intenção de, e a outra a efetivação em si. Ou seja, não basta apenas querer e se dedicar para tal, é importante que o outro lado se sinta atingido e conectado com tal intensão. A prática educativa, segundo Freire (1996), é um constante exercício em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos, além de uma prática humana, onde os sentimentos e emoções estão presentes. É aí que entra o primeiro questionamento: **Seria a comunicação, a relação entre professor e aluno, o fio condutor que liga todo esse processo de ensinar?**

A palavra comunicação se origina do Latim, *communio* e significa tornar comum. De forma conceitual é possível defini-la como o processo em que um indivíduo transmite estímulos para modificar o comportamento de outros indivíduos, um ato em que grupos se influenciam reciprocamente de maneira a permitir o aprofundamento nas relações necessárias e que trazem significado (WEY, 1986). Costa (1997) relata que o papel exercido pela comunicação é o de fixar valores, normas e padrões do comportamento social.

Tanto na prática educativa, como no processo de comunicação, os sentidos, valores e pensamentos estão envolvidos. A comunicação pode ser vista como um mecanismo pelo qual se desenvolvem as relações humanas e a forma como agimos no mundo, seja verbal, emocional, profissional ou pessoal.

Assim como a comunicação, a educação contribui substancialmente para a vida em sociedade. Ambas fazem parte de um processo que tem como objetivo fundamental o conhecimento. Ambas têm preocupações em relação a como esse conhecimento pode ser criado, repassado e construído de forma conjunta. Ambas buscam uma transformação, pois sem ela, não há sentido na comunicação tão pouco na educação. Ambas têm seus processos diretamente ligados ao comportamento humano e as relações interpessoais.

Entende-se por relações interpessoais “o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas” (ANTUNES, 2007, p. 9). Logo, os laços que as relações interpessoais unem nas relações humanas são inegáveis. Trazendo para o contexto da educação, estudar a relação entre professor e aluno no

ensino superior, é, como nos aponta Gil (2006) tratar de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Partindo dos conceitos acima se percebe o quanto a educação, a comunicação e nesse ínterim, a ação Universitária, através da prática docente, é antagônica e complementar, conserva e transforma e deve, portanto, incentivar a criticidade, discussões e o livre pensamento. Os professores são grandes protagonistas da prática educativa. Neles, se deposita parte da responsabilidade por construir uma sociedade autônoma, com pensamentos que caminham para uma sociedade culturalizada, ética, justa e disposta a permanecer em constante evolução.

Os docentes universitários comunicam se relacionam, logo educam para esses preceitos. Em todo o processo de construção, de conservar e transformar, educar e comunicar, ensinar e aprender, tem presente uma visão de mundo do docente, que em sua ação se expressa a partir de sua concepção pedagógica.

Antes de entrarmos no conceito propriamente dito das abordagens pedagógicas, cabe um breve comentário sobre as duas palavras: Abordagens e Pedagogia. As duas palavras que serão utilizadas de forma conjunta, uma complementando a outra. Porém, o que propomos com esse comentário inicial é que seja feita uma reflexão prévia sobre as palavras, para que então passemos a pensar no termo como um todo.

De acordo com Filatro (2018) o termo abordagem se refere a uma maneira de interpretar ou lidar com algo, um conjunto de pressupostos que apontam para um ponto de vista, uma forma de agir, logo uma tendência. Por esse motivo que, por vezes, também se utiliza a palavra tendências no lugar de abordagens.

Já a palavra pedagogia originária do grego *paidós*, acrescida de *agogus* significa criança sucedida pelo verbo guiar, conduzir, educar. De acordo com Gil (2006), traz no cerne de sua definição a condução de crianças.

Os estudos relacionados as diferentes abordagens da aprendizagem, são conduzidos sob a adjacência da palavra pedagogia. Que, conforme visto acima, o termo pressupõe uma forma de lidar, explicar e interpretar a condução voltada para a educação de crianças.

Quando consideramos crianças, alunos em suas séries iniciais, em plena formação de personalidade e caráter, o papel exercido pela abordagem do professor, uma figura adulta no processo, pode ser decisivo. Mas e quando o **assunto em voga é o ensino superior?** A forma como um professor conduz a turma e que ele se expressa em sala de aula pode ser tão decisivo para o aprendizado do adulto, quanto para uma criança? O professor e seu estilo didático podem afastar ou aproximar um aluno do que ele tem como interesse ao procurar o ensino

superior? Poderia fazê-lo desistir do curso? Diminuir ou aumentar o prazer na busca pelo conhecimento?

Devemos considerar que estes sujeitos têm fortes noções e expectativas sobre a necessidade de seus conhecimentos. Possuem suas motivações para o aprendizado relacionadas a questões externas e internas. Entram no processo com experiências diversificadas e são detentores da decisão por aprender. Logo, as relações entre professores e alunos universitários podem ser estudadas a partir do desenho e resultado que as das séries iniciais? **A prática direcionada a adultos, responsáveis pelo seu percurso educacional, encontram sentido nas abordagens pedagógicas?**

A partir do exposto acima, com as inquietações relacionadas em mente, vamos em frente, encontrando certo apoio no que Filatro (2018) diz ser uma das formas de encararmos a pedagogia: um grande guarda-chuva que abriga várias teorias.

Agora sim, voltando o foco para as teorias e estudos que existem em torno das abordagens pedagógicas e como elas influenciam na didática do professor, nos conteúdos e métodos em sala de aula. Traremos nesse artigo os conceitos de Libâneo (1985) e Mizukami (1986), dois importantes estudiosos brasileiros que se dedicam a pesquisar sobre esses assuntos e que, em nosso entendimento, contribuem de forma significativa para o saber dessas práticas.

Em um breve panorama de como esses autores vislumbram as tendências pedagógicas, enxergamos Mizukami (1986), afirmando que existem diversas formas de se conceber o fenômeno educativo e que este, por sua natureza, não é um processo acabado. Ele é um fenômeno humano, histórico e multidimensional onde existe a presença de aspectos da dimensão humana, técnica, cognitiva, emocional, sócio-política e cultural e sobre ele é necessário a aceitação de suas múltiplas implicações e relações.

Algumas das abordagens apresentam referencial filosófico e psicológico claro, outras intuitivas e fundamentadas na prática. Mizukami (1986) aborda as diferentes linhas pedagógicas ou o que chama de tendências no ensino brasileiro, dirigindo-se a elas como abordagens que possivelmente fornecem diretrizes para a ação docente. Pondera ainda que a elaboração que cada professor faz delas é individual e intransferível. A partir das situações brasileiras ajuíza que possivelmente tenham sido cinco as abordagens que mais influenciam os professores:

Libâneo (1985), por sua vez, afirma que grande parte dos professores realizam suas práticas a partir do que aprenderam de seus colegas mais velhos e chama a atenção para o fato de que os cursos de licenciatura ou não incluem o estudo das correntes pedagógicas ou ficam

em torno de teorias que quase nunca correspondem com as situações que serão enfrentadas em sala de aula, logo não auxiliam para que se forme um quadro de referência possível para orientar a sua prática.

O autor compartilha da ideia de que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade constituída de classes sociais com antagonísticos interesses. Logo, a prática escolar também traz em si diferentes configurações e concepções de homem e de sociedade com pensamentos divergentes sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas, entre outros. Sob essa perspectiva traz a certeza de que a forma como os professores realizam e organizam seu trabalho estão relacionados com pressupostos teóricos metodológicos, sejam eles explícitos ou implícitos.

Libâneo (1985) alerta ainda, que as tendências não devem ser tidas como excludentes, elas não aparecem de forma pura. Devem funcionar como um instrumento para que o professor tenha condições de analisar suas práticas em sala de aula. Como critério para classificação das tendências pedagógicas, o autor utiliza a posição adotada em relação aos condicionantes sociopolíticos da escola e as diferencia em dois grandes grupos chamados de **Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista**.

Sendo assim, uma vez que o artigo objetiva proporcionar um entendimento das abordagens pedagógicas e suas implicações na relação professor e aluno no ensino superior, levando em consideração os limites desse tipo de estudo, traremos aqui alguns apontamentos de Libâneo (1985) e Mizukami (1986). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que toma como referência as seguintes obras: Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos de José Carlos Libâneo (1985) e Ensino: as abordagens do processo de Maria da Graça Nicoletti Mizukami (1986). Ambas as obras, essenciais para essa compreensão das abordagens pedagógicas.

O resultado do estudo está organizado em quatro seções, sendo as duas primeiras com classificações dos autores mencionados, a terceira sistematizando as abordagens sob a perspectiva do relacionamento entre professor e aluno e a quarta e última com apontamentos finais. As seções recebem as seguintes nomeações: As abordagens Pedagógicas a partir da definição de Mizukami; As abordagens Pedagógicas a partir da definição de Libâneo; Abordagens pedagógicas e a relação entre professor e aluno e Considerações Finais.

AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS A PARTIR DA DEFINIÇÃO DE MIZUKAMI

Mizukami analisa cada uma das abordagens a partir de categorias como homem, mundo, sociedade-cultura, conhecimento, educação, escola, ensino-aprendizagem, professor-aluno, metodologia e avaliação. Aqui serão apresentadas as cinco abordagens de uma forma ampla, sem entrar na especificidade de cada uma das categorias separadamente.

Figura 1 – Ramificações das Tendências pedagógicas propostas por Mizukami



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

A **abordagem tradicional** parte do pressuposto que o homem só conhece o mundo a partir de informações recebidas por outras pessoas, tem-se então a chamada “tábua rasa”. O mundo é externo ao indivíduo que o aprende de forma gradativa. As experiências e aquisições são obtidas através de adultos como uma condição de sobrevivência dos mais novos e da sociedade. Existe nela uma visão individualista com pouco ou nenhum espaço para a cooperação.

A escola é tida como o lugar perfeito para a realização da educação, nela são aplicadas normas e disciplinas rígidas que preparam o indivíduo para a sociedade. O professor é a autoridade e a ele cabe a tarefa de transmitir os conteúdos. Há uma predominância de aulas expositivas e os exercícios de fixação onde são reproduzidas as verdades consagradas a partir de uma sequência lógica dos conteúdos. O aluno é um ser passivo onde se deposita conhecimento, informações, dados e fatos, é o que Paulo Freire chama de Educação Bancária.

A **abordagem comportamentalista** tem o comportamento modelado e reforçado. O Homem é consequência das influências ou forças do meio é, portanto, um produto do meio. Tem o mundo como algo já construído e a realidade como um fenômeno objetivo. O

conhecimento é resultado da experiência e a educação transmitida para a manipulação e controle do ambiente.

A escola é tida como uma agência educacional que objetiva manter, conservar e modificar atendendo aos preceitos dos que conferem o poder. O programa de ensino ganha um destaque especial, em que o aluno é visto como o elemento para quem se planeja o material e o educador como quem seleciona, organiza e aplica de forma a garantir a eficiência e eficácia da aprendizagem. É considerado eficiente o aluno que lida cientificamente com os problemas do cotidiano e essa aprendizagem é garantida pela programação que o professor fez em relação a aula com ênfase nos meios escolhidos por ele, que são operacionalizados por diferentes tecnologias. A aplicação de pré-testes, durante e ao final do processo são práticas recorrentes e por isso os objetivos são pré-estabelecidos inicialmente e reforçados a cada erro ou acerto.

A **abordagem humanista** tem seu enfoque no sujeito que está num constante processo de atualização. O mundo é algo produzido pelo homem que o experiencia e vai dando significados individuais aos elementos vividos. Em relação a sociedade e a cultura estima que a única autoridade necessária aos indivíduos é a de estabelecer qualidade de relacionamento interpessoal. Não aceita um projeto de planificação social nem o controle ou a manipulação. Tudo que estiver a serviço do crescimento pessoal, interpessoal ou intergrupal é educação

Parte do pressuposto que se conhece apenas o que é percebido, a experiência pessoal e subjetiva é o fundamento pelo qual o conhecimento é construído. A educação é centrada na pessoa que tem a responsabilidade por sua educação, logo o aluno é responsável pelos objetivos de autoaprendizagem, ele é um ser que se autodesenvolve. A educação cria condições para a esta aprendizagem.

A escola oferece autonomia e não há exames, avaliação, diplomas ou notas, não é dado ênfase a técnicas ou métodos. O professor é alguém que aprendeu a usar-se para a educação de outros, não é possível ensinar ao professor um reportório para que ele utilize. O professor aceita o aluno, compreende seus sentimentos e com isso cria um clima favorável para a aprendizagem. Deve se oferecer condições para que haja o desenvolvimento do aluno, que é visto como um ser ativo e personagem central de todo o processo. O professor é um facilitador no processo.

A **abordagem cognitivista** foca na capacidade de integrar e processar informações. O conhecimento é um produto da interação entre o homem e o mundo, não se enfatiza polos. O indivíduo é percebido como um sistema aberto, em busca de um estágio final, nunca

alcançado por completo. Toda a atividade do ser humano tem relação com duas variáveis, a inteligência e a afetividade.

O conhecimento é sempre ativo e visto como uma construção contínua. A educação é um todo indissociável intelectual e moral e o objetivo é que o aluno aprenda por si a conquistar suas verdades. A escola dá essas condições, possibilita o desenvolvimento e promove o desafio para que este possa intervir no processo sociocultural e inovar a sociedade. Reconhece a prioridade psicológica da inteligência sobre a aprendizagem.

Aprender significa assimilar o objeto a esquemas mentais. O aluno é ativo e o professor deve propor problemas, provocar o desequilíbrio e fazer desafios para evitar a fixação de respostas. Leva o aluno a trabalhar de forma independente e este é tratado de acordo com as suas características e fase evolutiva. O professor é um orientador e deve ter o conhecimento como comunicável e controlado, nunca mensurável. A inteligência se constrói pela troca do organismo com o meio, baseado na pesquisa na investigação, solução de problemas e facilitando o aprender a pensar.

A última abordagem mencionada por Mizukami (1986) é a chamada **abordagem sociocultural** que enfatiza aspectos sócio-políticos-culturais. Procura trazer valores inerentes da população para criar condições para que os indivíduos assumam e não consumam. O homem é um ser situado no tempo e espaço pelo seu contexto histórico. É um ser de práxis e que tem como objetivo transformar o mundo.

O homem é o sujeito da educação e toda ação educativa deve ter reflexo sobre o homem e ser analisada pelo meio em que vive. A educação não é um produto acabado é um vir-a-ser e não está apenas no âmbito da escola ou da educação formal. Ela é como o homem e não para o homem, tem reflexão e engajamento para a libertação.

A escola é vista como um local de crescimento mútuo do professor e do aluno, onde são feitas problemática através de situações existenciais. A relação entre professor e aluno é horizontal e não imposta, onde se traz ponto de vista e o questiona, debate e dialoga. O aluno deve ser capaz de operar conscientemente mudanças na realidade e o professor é o educador que direciona e conduz o processo na busca de uma consciência crítica.

AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS A PARTIR DA DEFINIÇÃO DE LIBÂNEO

Como critério para classificação das tendências pedagógicas, o autor utiliza a posição adotada em relação aos condicionantes sociopolíticos da escola e as diferencia em dois grandes grupos chamados de Pedagogia Liberal e Pedagogia Progressista que se subdividem

em Tradicional, Renovada Progressista, Renovada Não-diretiva, Tecnicista, Libertadora, Libertária e Crítica-social dos Conteúdos conforme figura ilustrada abaixo:

Figura 2 – Ramificações das Tendências pedagógicas propostas por Libâneo



Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Em relação ao primeiro grupo, a **Pedagogia Liberal**, Libâneo (1985) diz que ela apareceu como justificativa ao sistema capitalista sustentando a ideia de que a escola tem como função preparar os indivíduos para a vida em sociedade e que para isso é necessária adaptação aos valores e as normas vigentes em uma sociedade de classes. Para o autor, apesar de difundir a ideia de igualdade de oportunidades não leva em consideração a desigualdade de condições. Estaria esta dividida em **tradicional, renovada progressivista, renovada não-diretiva e tecnicista**.

Historicamente, a educação liberal iniciou com a pedagogia tradicional evoluindo para a pedagogia renovada (também chamada de escola nova ou ativa). Uma não substitui a outra e ambas conviveram e convivem na prática escolar.

Na **tendência tradicional**, o aluno é educado para atingir, através de seu esforço, sua plena realização, a escola prepara o intelecto e a moral para que se assuma uma posição na sociedade. A escola se compromete com a cultura, os problemas sociais são pertencentes a sociedade e não é algo a ser discutido em sala de aula. O Conteúdo é separado da experiência e da realidade social e por essa razão a pedagogia tradicional é criticada como intelectualista e enciclopédica.

Essa tendência acredita que todos os alunos, desde que se esforcem, tem a competência para aprender e assimilar os conteúdos segue a ideia de que a capacidade de

assimilação da criança é igual à do adulto. Não leva em consideração as etapas do desenvolvimento da criança. Torna-se receptiva e mecânica.

A relação entre aluno e professor não tem nenhuma afinidade com o cotidiano do aluno ou de sua realidade social. A palavra do professor, as regras impostas e o intelecto são predominantemente prioritários. O professor transmite o conteúdo na forma de verdade e a autoridade do professor exige uma atitude receptiva por parte dos alunos. A pedagogia liberal tradicional segue atuante nas escolas e historicamente é o tipo de abordagem predominantemente encontrado.

No caso da **tendência liberal renovada**, acentua-se o desenvolvimento das aptidões individuais, porém a educação é vista como um processo interno e não externo. Valoriza-se a autoeducação com o ensino centrado no aluno e no grupo. Apresenta-se em duas versões conhecidas como renovada progressista (ou pragmática) e não diretiva.

Em relação a **tendência liberal renovada progressista ou pragmática**, aponta que esta foi difundida pelos pioneiros da educação nova com destaque a Anísio Teixeira e sob a influência de Montessori, Decroly e Piaget. Nela a escola tem o papel de adequar as necessidades individuais ao meio social, a integração se dá por meio de experiências que visam satisfazer os interesses dos alunos e as exigências sociais. A educação acontece por um processo ativo de construção e reconstrução do objeto, numa interação entre estruturas cognitivas do indivíduo e de estruturas do ambiente.

O valor está nos processos mentais e nas habilidades cognitivas e não nos conteúdos racionalmente organizados. É mais importante o processo de aquisição do saber do que o saber propriamente dito, o chamado aprender a aprender – aprender fazendo. Utiliza uma metodologia ativa que busca estudar o meio natural e social do aluno, a experimentação e a busca de solução de problemas. Os métodos variam, porém, partem sempre da ideia de adequação da natureza do aluno e as etapas de seu desenvolvimento.

Em relação ao relacionamento do professor com o aluno, diferente da metodologia tradicional, aqui não existe um lugar privilegiado ao professor, o seu papel está em auxiliar o livre desenvolvimento e se necessária a intervenção é para dar forma ao raciocínio da criança. A disciplina vem da tomada de consciência dos limites da vida em grupo. Nesse contexto o aluno disciplinado é aquele que é solidário, participante e respeitador das regras do grupo. Se incentiva o relacionamento positivo entre professores e alunos e uma vivência democrática, como deve ser a vida em sociedade.

Os princípios da pedagogia progressivista influenciam muitos professores nos cursos de licenciatura, porém o que se vê é uma aplicação reduzida em função de condições próprias

para esse tipo de prática e do choque com a prática tradicional. Encontra espaço em escolas particulares como o método Montessori, o método de centros de interesse de Decroly¹, o método de projeto de Dewey² e o ensino baseado na psicologia de Piaget, que possui larga escala na educação pré-escolar.

Já a **tendência liberal renovada não diretiva**, segundo Libâneo (1985), é orientada para os objetivos de auto-realização e para as relações interpessoais, na formulação do psicólogo norte-americano Carl Rogers. Nessa tendência o papel da escola está na formação de atitudes, tem-se uma preocupação maior com questões psicológicas em relação as pedagógicas e sociais. O esforço está em construir um clima favorável a uma mudança dentro do indivíduo. O resultado de uma boa educação é tal qual ao de uma boa terapia. Os processos e métodos de ensino são dispensáveis, pois, são tidos apenas como facilitadores para que os estudantes busquem por si próprios os conhecimentos.

A educação é centrada no aluno e o professor é um especialista em relações humanas. Acredita-se qualquer tipo de intervenção é ameaçadora e inibidora e que ausentar-se é a melhor forma de respeitar e aceitar a o aluno. Desenvolve-se a valorização do “eu”, aprender é modificar suas percepções e apenas se aprende o que estiver relacionado com essas percepções. Privilegia-se a auto-avaliação.

Na perspectiva do autor, o método está muito mais para uma psicologia clínica do que para método de educação. Existe grande influência em educadores e professores, principalmente em orientadores educacionais e psicólogos escolares com identificação ao aconselhamento.

Em relação a **tendência liberal tecnicista**, Libâneo (1985) relata que nela a educação está subordinada a sociedade e preocupada em desenvolver mão de obra para a indústria, ela treina como o objetivo que se tenha os comportamentos para atingir as metas estabelecidas. A educação funciona como modeladora do comportamento humano, utilizando para isso técnicas específicas, seu interesse é a produção de indivíduos ditos competentes para o mercado de trabalho e para isso transmite informações precisas, objetivas e rápidas. Os

¹ Onde grupos de aprendizagem são organizados segundo a faixas de idade dos estudantes, com base nas etapas da evolução neurológica infantil e na convicção de que as crianças entram na escola dotadas de condições biológicas suficientes para procurar e desenvolver os conhecimentos de seu interesse. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/7227/ovide-decroly#>. Acesso em 27.10.2020

² Método educacional desenvolvido por William Kilpatrick, discípulo de John Dewey, e que se caracteriza por trazer problemas reais, do dia a dia do aluno. De acordo com esse método, todas as atividades escolares deveriam ser realizadas através de projetos, sem necessidade de uma organização especial. Conforme descrito pelo Instituto Paulo Freire, o “projeto” como método didático é uma atividade intencionada que consiste em os próprios alunos fazerem algo num ambiente natural. Acesso em 27.10.2020

conteúdos decorrem da ciência objetiva, sem qualquer sinal de subjetividade. Apenas o que é redutível ao conhecimento observável e mensurável é que vira matéria de ensino.

O professor tem como principais tarefas modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais e moldar o comportamento adequado pelo controle de ensino. Utiliza-se para isso a tecnologia educacional. As relações entre professor e aluno são estruturadas e objetivas, possuem papéis muito bem definidos. O aluno recebe, aprende e fixa as informações, enquanto professor é apenas o elo para a verdade científica, ambos são espectadores da verdade objetiva. O aluno é responsivo e não participa da elaboração do programa educacional.

O essencial está na forma de sua aplicação que é vista como um recurso tecnológico por excelência. O aprender é tratado como uma questão de modificação do desempenho, o ensino como um processo de condicionamento através de reforços em cima das respostas que se quer obter. Visa por tanto o controle do comportamento individual permeados pelos objetivos preestabelecidos.

Possui um enfoque diretivo, centrado no controle, onde acredita-se que o comportamento aprendido é uma resposta a um estímulo externo, controlado por reforços dados por uma resposta. Destacam-se Skinner, Gagné, Bloom e Mager, como os autores que contribuíram expressivamente para os estudos desse tipo de aprendizagem.

Introduzida de forma mais efetiva no final dos anos 60 como uma resposta à orientação político econômica do regime militar e ao modelo de pensar do sistema de produção. É nesse momento que sai o modelo escolanovista e entra a tendência tecnicista.

No que diz respeito ao segundo grupo, a **Pedagogia Progressista**, Libâneo (1985) a divide em **Libertadora**, **Libertária** e **Crítica-social dos Conteúdos**. O autor esclarece que a pedagogia em questão traz tendências que sustentam uma educação com finalidade sociopolítica e que partem de uma análise crítica da realidade social, logo se tornam nada institucionalizantes em uma sociedade capitalista.

Ela se manifesta sob as três relacionadas: a libertadora, conhecida também como pedagogia de Paulo Freire; libertária, com autores que defendem a auto gestão; e a crítico social dos conteúdos, que aguça a prevalência dos conteúdos para o confronto com as realidades sociais.

Em relação a **tendência progressista libertadora** aclara que esta possui uma atuação não-formal, por isso não é próprio falar em ensino escolar, mesmo que muitos professores adotem pressupostos dessa tendência. Quando se fala de forma genérica em educação

libertadora está se referindo a uma educação que preza por desvelar a realidade social de opressão.

Professor e aluno atingem um nível de consciência da mesma realidade e nela atuarão para realizar uma transformação social. É uma educação que questiona de forma concreta a realidade das relações do homem com a natureza e com outros homens com vistas a uma transformação. Por isso se diz ser uma educação crítica, diferente das anteriores mencionadas aqui, ela não é uma pedagogia domesticadora.

O ensino é feito a partir de temas geradores surgidos de situações práticas dos educandos. O importante é despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida, não se preza pela transmissão de conteúdo específicos, pois esta é considerada uma invasão cultural. É importante que os temas venham do saber popular, sempre através da troca de experiência em torno da prática social, logo não há necessidade de um programa previamente estruturado. A partir de uma situação problema se toma distância para analisá-la de forma crítica. O que é aprendido está no nível crítico do conhecimento e vem a partir de um processo de compreensão, reflexão e crítica. O que o educando transfere é o seu engajamento na militância política.

A relação entre educadores e educandos deve ser de autêntico diálogo. O trabalho ocorre por meio de grupo de discussão e o professor deve descer ao nível dos alunos, deve caminhar junto intervindo o mínimo possível e fornecendo informações sistematizadas somente em caso de necessidade. O relacionamento entre professor e aluno é horizontal, não existe relação de autoridade para que não se inviabilize o trabalho de “aproximação da consciência”

Paulo Freire, inspirador da pedagogia libertadora destaca o caráter fundamentalmente político de sua pedagogia, o que a torna impossível de ser praticada de forma sistemática sem que antes haja uma transformação da sociedade. É por esse motivo que sua atuação se dá muito mais no âmbito extra-escolar e exerce uma expressiva influência nos movimentos populares e sindicais. Mesmo que as formulações teóricas de Paulo Freire se restrinjam ao campo da educação de adultos, muitos dos professores procuram colocá-la em prática em todos os graus do ensino fundamental.

Sobre a **tendência progressista libertária**, Libâneo (1985) relata que esta intenciona exercer uma transformação na personalidade dos alunos no sentido libertário e auto gestor. A ideia básica é de introduzir modificações institucionais e aproveitar a margem de liberdade do sistema. Há nela também um sentido expressamente político quando se afirma

o indivíduo como um produto do social e que seu desenvolvimento somente ocorre no coletivo.

A autogestão é o método e o conteúdo e é por tanto seu objetivo pedagógico e político. É considerada uma forma de resistência contra a burocracia e a dominação do estado que a tudo controla. Os conteúdos ficam à disposição do aluno, porém não é cobrado. A relação do professor e aluno ocorre de forma não-diretiva podendo ele se colocar à disposição do aluno, sem impor suas concepções e ideias. O professor é tido como um conselheiro, um instrutor, um monitor que fica à disposição do grupo. Não faz sentido qualquer tentativa de avaliação dos conteúdos. Abrange quase todas as tendências anti-autoritárias em educação, entre elas a anarquista, a psicanalista e a dos sociólogos.

A última tendência trazida por Libâneo (1985), conhecida como **progressista crítico social dos conteúdos** alude os conteúdos como primordiais e indissociáveis das realidades sociais. Traz a escola como o melhor instrumento para a apropriação do saber e se refere a ela como prestadora de um serviço primordial aos interesses populares. Acredita que a aquisição dos conteúdos escolares é o que pode garantir uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

Os métodos utilizados iniciam da relação direta da experiência dos alunos, confrontada o com o saber que se conecta diretamente com a prática vivida pelos alunos paralelamente aos conteúdos sugeridos pelo professor. A relação pedagógica traz como essencial o clima. Adquirir a confiança dos alunos para que compreendam a realidade social por sua própria experiência.

O aprender dentro dessa visão está relacionado com a capacidade de desenvolver e processar informações, lidar com estímulos e organizar os dados disponíveis da experiência. A avaliação é necessária para que o aluno saiba de seu progresso em direção a uma noção sistematizada do que é proposto. É necessário que o aluno e o professor se compreendam mutuamente. Aqui o papel do adulto é insubstituível, mas destaca-se também a participação do aluno. O aluno em busca da verdade, ao confrontá-la com os conteúdos e modelos expressos pelo professor.

Esse processo pressupõe um envolvimento com o estilo de vida dos alunos, inclusive no que diz respeito ao próprio contraste entre a sua cultura e a do aluno. O professor deve buscar despertar necessidades do aluno que estejam além da satisfação de suas carências. Exigir esforços e propor conteúdos que estejam compatíveis as experiências do aluno, isso para que ele se mobilize a uma participação ativa, tanto em sala de aula como no contexto em que vive.

ABORDAGENS PEDAGÓGICAS E A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Em consonância com o que foi estudado acima e com o objetivo de sistematizar e simplificar pontos chaves para o entendimento das diferentes abordagens desenvolveu-se o quadro abaixo. Nele estão apresentadas características que auxiliam na identificação e compreensão das tendências no que diz respeito ao relacionamento entre professor e aluno.

Tabela 1: Abordagens Pedagógicas propostas por Mizukami sob a perspectiva da relação professor X aluno

Abordagens Pedagógicas propostas por Mizukami				
Tradicional	Comportamentalista	Humanista	Cognitivista	Sociocultural
O professor é a autoridade e a ele cabe a tarefa de transmitir os conteúdos. Tem o objetivo de repetir padrões	O aluno é visto como o elemento para quem se planeja o material e o educador como quem seleciona esse material	O professor aceita o aluno, compreende seus sentimentos e com isso cria um clima favorável para a aprendizagem. Se oferece condições para que haja o desenvolvimento do aluno, que é visto como um ser ativo. O aluno é o personagem central de todo o processo e o professor um facilitador	O aluno é ativo e o professor deve propor problemas, provocar o desequilíbrio e fazer desafios para evitar a fixação de respostas. Leva o aluno a trabalhar de forma independente e este é tratado de acordo com as suas características e fase evolutiva. O professor é um orientador e deve ter o conhecimento como comunicável e controlado, nunca mensurável.	A relação entre professor e aluno é horizontal e não imposta, onde se traz ponto de vista e o questiona, debate e dialoga. Busca-se uma formação crítica dos alunos.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Tabela 2: Abordagens Pedagógicas propostas por Libâneo sob a perspectiva da relação professor X aluno

Abordagens Pedagógicas propostas por Libâneo			
Liberal			
Tradicional	Renovada Progressista	Renovada Não Diretiva	Tecnicista
O professor é a autoridade e a ele cabe a tarefa de transmitir os conteúdos. Tem o objetivo de repetir padrões	O aluno é visto como o elemento para quem se planeja o material e o educador como quem seleciona esse material	O professor aceita o aluno, compreende seus sentimentos e com isso cria um clima favorável para a aprendizagem. Se oferece condições para que haja o desenvolvimento do aluno, que é visto como um ser ativo. O aluno é o personagem central de todo o processo e o professor um facilitador	O aluno é ativo e o professor deve propor problemas, provocar o desequilíbrio e fazer desafios para evitar a fixação de respostas. Leva o aluno a trabalhar de forma independente e este é tratado de acordo com as suas características e fase evolutiva. O professor é um orientador e deve ter o conhecimento como comunicável e controlado, nunca mensurável.
Progressista			
Libertadora	Libertária	Crítica social dos conteúdos	
Professor e aluno atingem um nível de consciência da mesma realidade e nela atuarão para realizar uma transformação social. É uma educação que questiona de forma concreta a realidade das relações com vistas a uma transformação. Chamada de educação crítica. Busca o autêntico diálogo entre o professor e o aluno. Possui um caráter fundamentalmente político. Se dá	A autogestão é o método e o conteúdo e é por tanto seu objetivo pedagógico e político. É considerada uma forma de resistência. Os conteúdos ficam à disposição do aluno, porém não é cobrado. A relação do professor e aluno ocorre de forma não-diretiva podendo ele se colocar à disposição do aluno, sem impor suas concepções e ideias.	Pressupõe um envolvimento com o estilo de vida dos alunos, inclusive no que diz respeito ao próprio contraste entre a sua cultura e a do aluno. O professor deve buscar despertar necessidades do aluno para além da satisfação de suas carências. Exigir esforços e propor conteúdo para que haja uma participação ativa, tanto em sala de aula como no contexto em que vive.	

muito mais no âmbito extra-escolar e exerce uma expressiva influência nos movimentos populares e sindicais.			
---	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade com constantes mudanças. Segundo Wheatley (2006), nosso mundo é complexo e repleto de incertezas e nele a necessidade de adaptação é fundamental. Mais do que nos adaptarmos ao mundo, devemos ser capazes de intervir nele (FREIRE, 2000).

Nesse contexto, pensar a educação como uma forma de intervenção no mundo é algo realmente poderoso. Não é à toa que existem muitos estudos acerca dos fenômenos educativos. As pesquisas em torno das abordagens pedagógicas, se mostram importantes instrumentos para o entendimento de como esses processos ocorrem.

A partir dos conceitos e características das classificações de Mizukami e Libâneo sobre o conjunto de tendência pedagógicas brasileiras evidencia-se que os fatores que influenciam na abordagem do professor são muito diversificados. Tem relação com a sua visão de mundo, a forma como aprendeu e vivenciou o seu próprio processo educativo, até o seu contexto histórico, cultural e político. Em cada situação e momento de vida o professor pode se aproximar ou se afastar de determinada tendência, inclusive as utilizando de forma conjunta a partir de suas convicções e afinidades, mesmo que, muitas vezes, sem um conhecimento prévio ou mais aprofundados dessas tendências.

No ensino superior os docentes e discentes são protagonistas essenciais. A eles cabe um importante papel, o de construir uma sociedade autônoma, crítica e que siga em constante evolução. Os alunos universitários são sujeitos, em sua maioria, adultos e, portanto, detentores de seu ir e vir, logo o bom relacionamento pode ser uma estratégia para a abordagem pedagógica do professor.

Como forma de auxiliar a ação docente no ensino superior compreender as abordagens pedagógicas se mostram importantes aliadas. Se apropriar dos estudos acerca do tema,

analisar cada uma das tendências pedagógicas para que haja uma opção consciente de qual abordagem é a mais adequada para sua atuação é o que se propôs com esse estudo.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C. Ensino como Desafio à Ação Docente, **Revista Pedagógica**, Chapecó, Ano 4, n. 8, Jan./Jun. 2002

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. **Processos de Ensino na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2015.

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima**: sala de aula como um espaço de crescimento integral, faz. 16. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

COSTA, Josimey. Criar, comunicar e expandir. In: Castro, Gustavo de (et al). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

DIAS, Isabel Simões. Competências em Educação: conceito e significado pedagógico, **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**: São Paulo, v.1, n.1, p.73-78, jan/jul, 2010.

FILATRO, Andrea. **Teorias e Abordagens Pedagógicas**. São Paulo. Senac, 2018.

Disponível em:

https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpe&ref_=cm_sw_r_kb_dp_PSGXyb2MC8RPW&asin=B07BS1L9FX&tag=tpltrs-20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=AH3TM9RV448YC8MG7RVT&reshareChannel=system. Acesso em: 23 out 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. Atlas, 2006.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U, 1986.

_____. **Complexidade e transdisciplinaridade**: A reforma da Universidade e do ensino fundamental. Natal: EDFRN, 2000.

_____. **O método II**: a vida da vida. 2ªed. Porto Alegre. Sulina, 2002.

_____. **O método III: A consciência da consciência.** Porto Alegre. Sulina, 1999.

PIMENTA, Selma G; ANASTASIOU, Léa das Graças C. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002.

SEVERINO, Antônio. Dimensão ética da investigação científica. **Práxis Educativa.** Ponta Grossa, v.9, n.1, p.199-208, jan./jun, 2014.

SAVIANI, Dermeval. A expansão do ensino superior no brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, v.8, n.2 ago/dez, p.4-17, 2010

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1967.

WEY, Hebe. **O processo de relações públicas.** São Paulo: Summus, 1986.

WHEATLEY, Margaret J. **Lideranças para tempos de incertezas:** A descoberta de um novo caminho. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em: 03/12/2021

Aceito em: 28/05/2022